

Uma Forma Inédita, em «Terra Sigillata» Hispânica, no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia de Lisboa

MARÍA GARCÍA PEREIRA MAIA

RESUMEN: Un jarro de «terra sigillata» conservado en el museo nacional de Lisboa posee algunas características no dadas todavía a conocer. No tiene decoración. Presenta una sola asa y mide unos quince centímetros de altura con la boca en forma de labio muy conspicuo. Es de pasta color rosa, de grano muy fino y muchas impurezas. El barniz de color bermejo acastañado conserva un buen brillo, delgado y de poca adherencia.

La forma de la boca de dicho ejemplar no es frecuente en las piezas romanas de barro cocido. Cronológicamente presenta afinidades con ejemplares hispánicos que apuntan en torno al siglo II d. C.

SUMMARY: The A. presents what she believes to be a new form of Hispanic «Sigillata», from the Roman «Villa» of Torre de Palma (Alentejo, Portugal) and kept in the Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia of Lisbon. It is a plain one-handled jar, which main characteristic is a circus round the mouth, rather uncommon either on «Sigillata» or on wrapp wear.

On the basis of some formal similitudes with Hispanic Form 20, mouths found on glass-ware from the II century on, and of the quality of the slip, the A. suggests, as a mere hypothesis, a chronology not far from the II century a.D.

Conserva-se, nos fundos do M.N.A.E., um jarro em «Terra Sigillata» hispânica cuja forma é, tanto quanto sei, inédita. Provem da «Villa» Lusitano-Romana de Torre de Palma (Monforte, Alentejo)¹ e é acompanhada apenas da referência «sepultura junto da capela». Como se encontrava isolado nas reservas do Museu, desconheço se constituía todo o espólio da referida sepultura.

Trata-se de um jarro sem decoração, de uma só asa, com cerca de 15 cm de altura e cuja característica mais marcante é a boca, que apresenta um lábio saliente, formando como que um disco quase

horizontal, de diâmetro superior ao do pé e rematado na orla por uma moldura de relevo ligeiro.

Ao disco da boca prende-se uma asa de fita, com nervura central e que vai morrer inferiormente no bojo ovoide, de curvatura acentuada. O pé é baixo e o fundo externo apresenta uma «moldura hispânica» pouco marcada.

Outro traço individualizante na peça estudada é a irregularidade e assimetria que se nota na sua metade superior e que contrasta com o relativo equilíbrio formal da inferior. Assim, o lábio saliente ondula em relação ao plano do gargalo, subindo

¹ MANUEL HELENO: *A «Villa» Lusitano-Romana de Torre de Palma (Monforte)*. «O Arqueólogo Português», Nova Série, IV (1972), p. 313 a 338.

acentuadamente de um dos lados, junto à implantação da asa. Esta, por sua vez, está colocada em posição visivelmente diagonal, relativamente ao eixo da peça. O próprio bojo, na sua zona de maior diâmetro, é assimétrico (figs. 1 e 2).

vamente recente, certamente posterior à sua exumação (fig. 3).

As características tecnológicas desta peça são as seguintes²:

A pasta é rosa acastanhada, de grão muito fino,

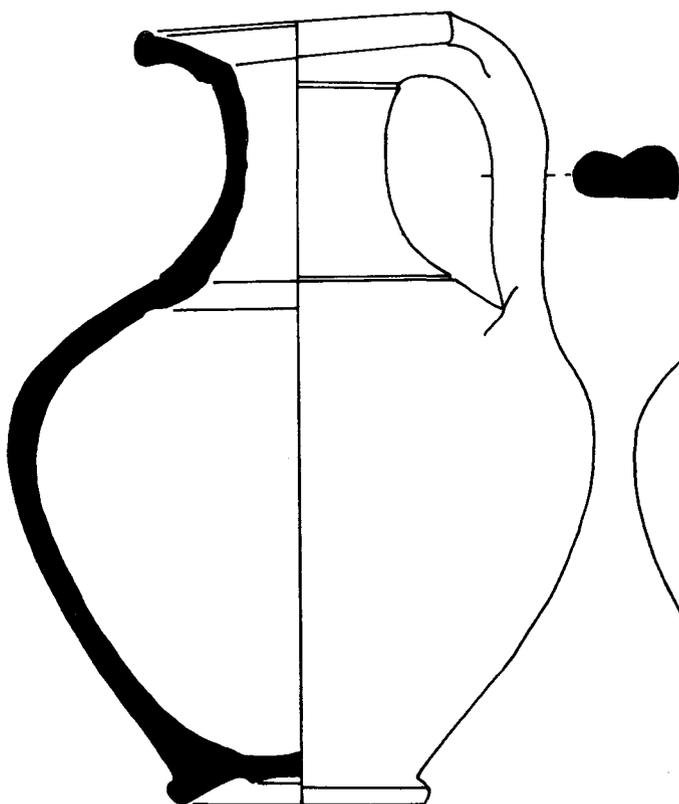


FIG. 1.

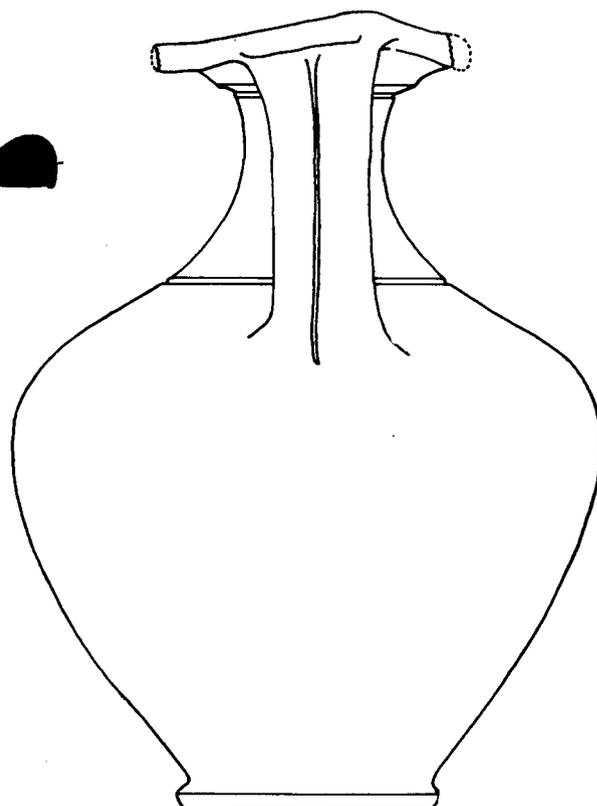


FIG. 2.

Como detalhe curioso e que penso valer a pena assinalar, registe-se que este jarro sofreu, em algum tempo, um corte em diagonal, na metade inferior do bojo, destinado a criar uma estreita ranhura, para poder ser utilizado como mealheiro. Este corte causou o estalamento de uma calote da pança, que se destacou. A observação da fractura, quer na zona do corte, quer na do estalamento, leva-me a pensar que esta operação teve lugar em época relati-

com numerosas impurezas amarelas de pequenas dimensões. É muito compacta, dura, sonora, bem cozida. A fractura é rectilínea, com arestas quase cortantes. O verniz é vermelho acastanhado, com bastante brilho, muito delgado e pouco aderente, porque se destaca, deixando inúmeras lacunas de pequenas dimensões e arredondadas, que dão à peça um certo aspecto salpicado. O jarro foi ainda isolado interiormente, mediante a aplicação de um en-

² Numa tentativa de fazer uma descrição tão fiel quanto possível das características tecnológicas da peça, uma vez que se trata de uma forma inédita, servi-me das *Munsell Soil Color Charts*, Munsell Color, Baltimore 1975, em-

bora não sejam de modo algum satisfatórias, no que respeita à descrição de «Sigillatas». Assim, a pasta está entre as cores 10R 6/8 e 10R 5/8; o verniz entre 10R 4/8 e 2.5 YR 4/8 e o engobe interno aproxima-se de 10R 5/6.



FIG. 3. Foto 1 (Esc. 1:2).

gobe mais avermelhado que a pasta, bastante espesso (chega a atingir meio milímetro, em alguns pontos) e que se desagrega por placas bastante grandes.

Não encontrei paralelos para o perfil deste jarro entre as peças em «Sigillata» hispânica publicadas, nem antecedentes nas formas gálicas ou itálicas. O tipo de boca não é, sequer, frequente na cerâmica comum romana. Excuído, porém, o lábio, não se afasta muito da forma hispânica 20 (lisa e decorada)³ e tem grandes afinidades, no que respeita a dimensões e proporções, com os exemplares provenientes de Itália, publicados por Mezquíriz⁴.

Infelizmente, aquela forma não tem ainda os seus limites cronológicos fixados com precisão, mas apresenta características que apontam para o Sec. II.

Por outro lado, a boca do exemplar estudado e que, como vimos, não é frequente nas peças romanas em barro recorda, logo à primeira vista, até pela própria irregularidade já referida, bocas presentes em formas de vidros, tais como unguentários, frascos e garrafas, a partir do Sec. II⁵.

A pasta e o verniz podem ser classificados co-

mo «de boa qualidade» ou, pelo menos, não se nota neles qualquer indício que sugira um fabrico tardio.

A referência «junto da capela» tão pouco traz qualquer contributo válido para a resolução do problema cronológico. Trata-se, sem dúvida, da capela de S. Domingos, que foi levantada junto à ábside oriental da basílica de Torre de Palma e cujas ruínas ainda eram visíveis aquando da escavação, em 1947⁶. Não parece viável tentar relacionar esta sepultura com o cemitério do período visigótico anexo ao conjunto de basílicas aí existente, sendo antes de crer que corresponda à primeira fase da vida da «Villa», até meados do Sec. III d.C.⁷, época em que o conjunto habitacional e seus anexos não abrangia ainda esta zona da estação.

Resumindo, umas características tecnológicas «não tardias», algumas afinidades formais com exemplares hispânicos com verniz dito «muito bom» e uma certa semelhança, que sugere inspiração, com formas de vidros, são as frágeis bases em que posso apoiar a minha convicção de que a data de fabrico do jarro apresentado não deve ser muito afastada do Sec. II d.C.

Lisboa, 30 de março de 1977.



FIG. 4. Foto 2 (Esc. 1:2).

³ MARÍA ANGELES MEZQUÍRIZ: *Terra Sigillata Hispánica*, Valencia 1961. Vol. I, p. 81 e II, Est 25 e Vol. I, p. 113, II, Est. 33.

⁴ MEZQUÍRIZ: *op. cit.*, Est. 25 n.º 2.

⁵ ISINGS: *Roman glass from dated finds*, Groningen,

1957, tipos 82 A2, 101, 102, etc.

⁶ D. FERNANDO DE ALMEIDA: *Torre de Palma (Portugal). A basílica páleocristã e visigótica*. «Archivo Español de Arqueología», 45-47 (1972-74), Madrid 1974, p. 103.

⁷ D. FERNANDO DE ALMEIDA: *op. cit.*, p. 108.